



Em meio ao caos – O trabalho de irmã Marlene com as crianças estaria perdido naquela onda de violência?

A bravura de uma freira

Irmã Marlene levou uma chama de esperança a centenas de pessoas no Timor Leste

Por BRIAN EADS

IRMÃ MARLENE Bautista ficou maravilhada quando soube, em 1988, que fora aceita para lecionar no estrangeiro. Com duas outras irmãs da ordem salesiana, a freira americana de 38 anos nascida nas Filipinas daria início a uma nova missão no Timor Leste. Irmã Marlene nem sequer ouvira falar da ilha no sudeste asiático, 500 quilômetros ao norte da Austrália, e precisou consultar o atlas. Naquele momento, não podia imaginar o papel de bravura e heroísmo que desempenharia na vida dos timorenses.

DEPOIS de chegar ao Timor Leste, as irmãs viajaram até Venilale, pequena cidade no interior montanhoso da ilha, onde cuidariam de 150 órfãos. Lá encontraram um enorme desafio. Nenhuma das crianças tinha sapatos. Muitas sofriam de tuberculose, tifo e malária. As únicas provisões médicas eram anti-sépticos e gaze.

Irmã Marlene não entrou em desespero. *Se Deus me quer aqui, vai me dar coragem e o que mais for preciso*, disse a si mesma. Nove anos mais tarde, quando deixou Venilale, ela e as colegas haviam reformado o orfanato e fundado uma clínica, um grêmio juvenil e o único centro de educação vocacional do país para meninas.

Em 1997, irmã Marlene mudou-se para Dili, capital do Timor Leste, a fim de lecionar numa escola religiosa recém-construída. Era o começo da época de maior provação de sua vida.

Até chegar à ilha, irmã Marlene não sabia que o lugar fora invadido e ocupado pela Indonésia desde 1975. Poucas famílias que a freira veio a conhecer não tinham sido atingidas por tragédias. Estupro, tortura, desaparecimentos e mortes misteriosas atribuídos aos ocupantes indonésios eram lugar-comum. Dos 800 mil nativos, um terço havia perdido a vida desde a invasão.

Em 1999, entretanto, depois da contínua pressão internacional sobre a Indonésia, promoveu-se um plebiscito supervisionado pelas Nações

Unidas, oferecendo aos timorenses a possibilidade de escolha entre a continuidade da integração com a Indonésia e a independência.

NUMA QUENTE MANHÃ de sábado, em setembro de 1999, irmã Marlene e 90 nativos se aglomeraram com aflição ao redor de um rádio na escola para ouvir os resultados do plebiscito.

Na semana anterior, 98,6% dos 450 mil votantes registrados no país haviam depositado suas cédulas. Embora irmã Marlene rezasse para que os indonésios e seus colaboradores recuassem caso os votos fossem contrários a eles, estava muito preocupada. *O que vão fazer se perderem a votação?*, perguntava-se.

Motivados pelo mesmo temor, os diretores das outras escolas de Dili haviam fechado as portas. Somente irmã Marlene manteve o estabelecimento aberto às crianças e aos muitos timorenses que, receando problemas, tinham deixado suas casas e procurado abrigo na escola.

Gritos de alegria irromperam do colégio quando a notícia foi dada: os timorenses haviam votado em massa pela independência. Em torno de irmã Marlene, houve dança, palmas, festejo e choros de alegria.

A euforia, porém, teve vida curta. Às 21 horas, através da cerca baixa que rodeava a escola, irmã Marlene entreviu, sem poder acreditar, grupos de homens, muitos dos quais usando na cabeça o lenço vermelho e branco da milícia pró-integração recrutada na ilha. Os milicianos avan-

çavam de casa em casa e, entre eles, havia policiais indonésios.

Os moradores, apavorados, tinham buscado refúgio na escola e na casa dos padres salesianos ali ao lado. A milícia saqueou e encheu caminhões com tudo que tinha algum valor – televisores, camas, peças de mobiliário. Depois, com os policiais assistindo a tudo com indiferença, os milicianos jogaram gasolina e atearam fogo aos bangalôs.

No dia seguinte, a paisagem era de devastação. Não restaram casas de pé. Mas a escola fora poupada – pelo menos por enquanto.

AO RAIAR DO DIA, um homem forte, na faixa dos 40 anos, atravessou, apressado, o portão da escola. Era Elvis Gusmão, parente distante de Xanana Gusmão, poeta e ex-jornalista que liderava o movimento de independência a partir de uma cela de prisão na Indonésia. “A milícia quer me matar”, balbuciou Elvis.

Ele implorou à freira que o levasse até o prédio da ONU perto do centro da cidade – uma viagem de 15 minutos –, onde encontraria a mulher e o filho de 5 meses.

Elvis subiu no utilitário das salesianas e se escondeu atrás dos bancos. Durante cinco minutos, irmã Marlene percorreu ruas desertas. De súbito, viu à sua frente um caminhão que levava na carroceria uma

dúzia de homens armados usando lenço vermelho e branco na cabeça. A milícia!

Os milicianos indicaram que passasse. Em vez disso, ela acelerou. De trás, vieram sons inconfundíveis: tiros. Com as mãos tremendo no volante, em alguns minutos ela deixava para trás o lento caminhão.

Na Estrada de Balide – que leva ao escritório da ONU –, o entusiasmo se esvaiu. A 50 metros do prédio, tropas indonésias faziam barreira.

Ela seguiu até o local. “Fique quieto”, disse a Elvis. “Deixe que eu falo.” Em malaio, pediu aos soldados que lhe dessem passagem. Eles recusaram e exigiram que ela voltasse.

Obedecendo, mas estacionando próximo à barreira, com Elvis agachado na parte de trás do veículo, a freira ficou observando. Alguns minutos depois, dois carros se aproximaram da barreira, um deles dirigido por um padre australiano. Irmã





Destruição – Quando as forças de paz chegaram, Dili estava em ruínas.

Marlene acenou e explicou o que se passava. A freira então posicionou o utilitário entre os dois veículos, e o comboio de três carros venceu a barreira e chegou ao prédio da ONU.

DE VOLTA à escola, irmã Marlene decidiu que seria melhor transferir os 90 aterrorizados timorenses. Eles se uniriam aos mais de 2 mil refugiados protegidos pelos altos muros da casa dos padres salesianos, ao lado. A freira então fechou a escola, fez a mala e voltou para o convento próximo ao prédio da ONU.

“A situação está cada vez pior”, avisou irmã Paola Battagliola, pequenina freira italiana que participa-

ra do árduo trabalho em Venilale e agora era madre superiora do convento salesiano de Dili. Uma mulher de meia-idade, tia de uma freira timorense, havia presenciado homens armados saquearem sua casa e esfaquearem quatro estudantes universitários ali hospedados. Os rapazes, gravemente feridos, tinham sido jogados em um caminhão e levados embora. Nunca mais foram vistos. Havia rumores de muitos outros assassinatos aleatórios de civis. E a milícia continuava pilhando casas e estabelecimentos comerciais de Dili.

Irmã Paola explicou que já havia cerca de 400 refugiados em seu convento e, no convento canossiano vizinho, outros 400. “Como posso ajudar?”, perguntou irmã Marlene.

Ficou combinado que ela iria ao encontro de Armandina Gusmão, irmã mais nova do líder da independência, e levaria a mulher, o marido e os dois filhos para o convento. Esquadrões da morte pró-indonésios vinham perseguindo e matando ativistas conhecidos, e a família Gusmão era o alvo principal. “Eles estão escondidos no escritório do marido”, informou irmã Paola.

Chegando ao escritório, as mulheres levaram o assustado casal e os meninos até seus veículos; depois, voltaram em disparada para o convento. Mas Armandina, temendo que a presença de sua família ali pudesse pôr outros refugiados em perigo, acabaria se dirigindo com o marido e os filhos para as colinas fora dos limites de Dili, onde milhares de timorenses haviam se abrigado.

Aquela noite, do outro lado da cidade, em frente à Catedral da Imaculada Conceição de Dili, um esquadrão de milicianos cercou um bangalô. Um dos homens acendeu um coquetel molotov e o jogou por uma janela aberta.

Dentro da casa, Manuel Gusmão acordou a mulher, Antonia. A saúde do idoso casal – pais do líder Xanana Gusmão – inspirava cuidados. Manuel, 83 anos, tinha problemas cardíacos; Antonia, 78, era diabética. No dia seguinte, irmã Paola pediu a irmã Marlene que fosse ver como estava o casal Gusmão. A freira encontrou os dois dentro da casa incendiada, abalados mas ilesos. O casal foi levado para o convento.

Cedo na manhã seguinte, cinco milicianos armados com machetes bateram no portão de ferro do convento. “Saíam enquanto podem!”, gritou o chefe.

Irmã Marlene sabia que, como americana, poderia pegar um vôo de emergência até a Austrália. Mas isso estava fora de cogitação. *Vim até aqui para ficar com os timorenses*, disse a si mesma. *Não posso abandoná-los num momento como este.*

Naquela noite, a linha telefônica foi cortada.

AS FREIRAS viram pela TV que as autoridades indonésias tinham declarado lei marcial. Qualquer pessoa que saísse depois do anoitecer poderia ser morta. Também ficaram sabendo que três padres e várias freiras haviam sido mortos no sul da ilha. E, além de tudo, a equipe da ONU se preparava para deixar o país.

A maior parte dos refugiados, inclusive os 400 escondidos no convento canossiano, fugiu para as colinas, deixando 106 pessoas, em sua maioria mulheres e crianças, aos cuidados das irmãs.

Na cerca do convento, irmã Marlene e as outras freiras penduraram pôsteres de uma imagem da Virgem com o Menino chamada *Nostro Aiuto* (Nossa Ajuda). “A Virgem não vai nos abandonar”, assegurou a irmã aos demais.

Duas noites mais tarde, depois de os disparos terem novamente ecoado

pelas redondezas, a milícia tocou fogo no então vazio convento canossiano. Lá dentro, botijões de gás explodiam como bombas. “Rezem com fé”, irmã Marlene pediu aos refugiados em desespero. Não podia mostrar medo, lembrou a si mesma. Senão, mulheres e crianças ficariam histéricas.

LOGO CEDO na sexta-feira, os milicianos voltaram. Quando foram revistar o convento à procura de homens que poderiam estar ali escondidos, a raiva das freiras logo se transformou em pavor. O casal Gusmão! Como protegê-lo? As irmãs já haviam fechado a porta da sacristia, onde eles se encontravam. Era o sinal combinado para que se mantivessem escondidos. Irmã Marlene sabia que, se fossem vistos, certamente seriam reconhecidos e assassinados.

Ela apressou-se a pedir a três meninas que comessem a esfregar o corredor ladrilhado do andar térreo. “Joguem bastante água”, instruiu.

Enquanto os homens armados vasculhavam o andar de cima, as meninas inundaram o corredor, depois começaram a limpeza. Ao verem o chão coberto de água, os homens não entraram na sacristia. Ali dentro, num canto atrás da mesa, Manuel e Antonia Gusmão se escondiam. Logo a milícia partia, com mais ameaças.

Uma semana depois do início do terror, as irmãs ouviram que o presidente indonésio havia concordado que uma força internacional estabilizasse o Timor Leste. No entanto, os

milicianos, agora com apoio manifesto do Exército indonésio, continuavam a saquear e a atear fogo em tudo.

As freiras mantiveram os refugiados em segurança durante mais uma semana, até que por fim uma noite transcorreu sem disparos. Parecia que a maior parte da milícia havia deixado a cidade. Às 5h15, quando ouviu o apito de um navio ecoar pelas ruas abandonadas de Dili, irmã Marlene soube que era a força de paz. Os refugiados choraram de alegria.

Era segunda-feira, 20 de setembro de 1999, 16 dias após o início da provação. Por sete vezes, esquadrões da morte haviam tentado evacuar o convento. Por sete vezes, irmã Marlene e suas companheiras não permitiram. Todas as pessoas ali abrigadas tinham se salvado.

Irmã Marlene foi à escola, com outra freira, ver o que sobrara. O prédio da administração, a cantina e a casa das freiras estavam destruídos pelo fogo. As freiras, porém, não se desesperaram. Metade da escola estava intacta. Elas recomeçariam tudo.

Uma semana depois, Manuel e Antonia Gusmão se preparavam para deixar o convento e ir para casa. Com lágrimas no rosto, Manuel apertou as mãos de irmã Marlene. “Não sabemos como agradecer, irmã”, disse ele. “Os timorenses jamais poderão retribuir a sua dedicação.”

No próximo 20 de maio, confirmando o resultado do plebiscito de 1999, Timor Leste vai se tornar o primeiro novo país do milênio. ■

Quando você abre mão de controlar o seu futuro, pode ser mais feliz. —NICOLE KIDMAN em *The Scotsman*

A coragem é justamente sentir o medo que enrijece a alma e o poder de enfrentar o desafio serena e positivamente. —NUNO COBRA em *A semente da vitória (Editora Senac)*

Glória mesmo é cair de joelhos e então se levantar. —VINCE LOMBARDI

Seria maravilhoso se o amor fosse eterno, mas não dá para viver o cotidiano jogando todas as fichas nisso. Cada dia é um novo casamento. —ANDRÉA BELTRÃO, citada por SONIA DE AGUIAR em *Farmácia de pensamentos (Relume Dumará)*

O verdadeiro herói é sempre um herói por engano; ele sonha em ser um covarde honesto como todo mundo. —UMBERTO ECO, *Viagem na irrealidade cotidiana (Harcourt)*

As suposições são os cupins do relacionamento. —HENRY WINKLER

Nem todos os que vagueiam estão perdidos.

—J.R.R. TOLKIEN, *The fellowship of the ring (Houghton Mifflin)*

Quem disse?

“Dinheiro é um negócio curioso. Quem não tem está louco para ter; quem tem está cheio de problemas por causa dele.”

- a) Ayrton Senna
- b) Bill Gates
- c) Antonio Ermírio de Moraes
- d) Julia Roberts

—VEJA A RESPOSTA ABAIXO

a) Ayrton Senna

Dê-lhe o nome de clã, de rede, de tribo, de família. Seja qual for o nome que lhe dê, seja quem você for, precisa de um desses.

—JANE HOWARD, *Families (Simon & Schuster)*

O homem também é um animal que raramente pode ser feliz indo contra o instinto.

—PÉTER VERES, *Hungria*